

25-05-2021

MEU NOME É...

MANOEL DE BARROS

Gyslaine Daureu Weltz

[Estudante de Literatura]

Nasci no beiral do Rio Cuiabá em 1916. Cresci entre coisas desimportantes, como a atrapalhação das formigas, caramujos e lagartixas no apogeu do chão e do pequeno. Logo descobri que a quinze metros do arco-íris o sol é cheiroso. Meu primeiro livro "Poemas concebidos sem pecado" foi artesanal, feito por 20 amigos. Eles decidiram que eu devia ganhar um, daí a tiragem foi de 21 exemplares. Em minha rotina de poeta exploro os mistérios irracionais dentro de uma toca que chamo lugar de ser inútil.

Entro às 7 horas, saio ao meio-dia. Anoto coisas em pequenos cadernos de rascunho. Arrumo versos, frases, desenho bonecos. Leio a Bíblia, dicionários, às vezes percorro séculos para descobrir o primeiro esgar de uma palavra. Não uso computador para escrever. Sempre acho que na ponta de meu lápis tem um nascimento. Não perdi o orgulho e rio de mim mesmo e das glórias que não tive. Meu olho ganhou dejetos, vou nascendo do meu vazio, só narro meus nascimentos. Eu sou dois, um biológico, outro letral. Ambos somos verdadeiros. Um é de sangue. Outro é de palavras.

O de sangue é comum: come, bebe água e até quebra copos. O ser letral gosta de fazer imagens pra confundir as palavras. E gosta de usar palavras pra destronar as imagens. As palavras servem para me enganar e para enganar os outros. Pra mim todas as palavras são amáveis. Ao escrever não podemos abandonar o canto, a harmonia letral nem desprezar os gorjeios das palavras.

A maior riqueza do homem é a sua incompletude. O tema do poeta é sempre ele mesmo. Ele é um narcisista. Quer ser o mundo, e pelas inquietações dele, desejos, esperanças, o mundo aparece.

Através de sua essência, a essência do mundo consegue aparecer. A poesia está de mãos dadas com o ilógico. Não gosto de dar confiança para a razão, ela diminui a poesia. Escrevo em idioleto manolelês arcaico (dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas). Preciso de atrapalhar as significâncias. O despropósito é mais saudável do que solene. (para limpar das palavras alguma solenidade - uso bosta.) Sou muito higiênico.

O que ponho de cerebral nos meus escritos é apenas uma vigilância para não cair na tentação de me achar menos tolo que os outros. Sou bem conceituado para parvo. Disso forneço certidão.

Na Bolívia, vendo a miséria e tomando pinga de milho com os camponeses, fomos abordados por um menino que veio oferecer mulher. Ele nos levou a uma casa muito pobre e nos apresentou às três irmãs, meninas miseráveis. Ele pegava homens na rua para transar com as irmãs, era assim que a família sobrevivia.

E uma das meninas tinha pentelhos que subiam até o umbigo.

Os pais exploravam esses pentelhos como um fenômeno e cobravam ingressos para exibí-los. Aí eu fiz o poema... *Maria-pelego-preto Maria-pelego-preto, moça de 18 anos, era abundante de pêlos no pente. / A gente pagava pra ver o fenômeno. / A moça cobria o rosto com um lençol branco e deixava pra fora só o pelego preto que se espalhava quase até pra cima do umbigo. / Era uma romaria chimite! / Na porta o pai entevado recebendo as entradas...*

Um senhor respeitável disse que aquilo era uma indignidade e um desrespeito às instituições da família e da Pátria!

Mas parece que era fome.

A palavra é o nascedouro que acaba compondo a gente. O poeta é um ser extraído das palavras. Não é a gente que faz com as palavras, são as palavras que fazem com a gente. Não gosto muito de intelectuais, pois são muito pretensiosos, pomposos. A poesia é a infância da linguagem e às vezes quero passar a mão na bunda do vento. De repente uma palavra me reconhece, me chama, me oferece. Eu babo nela. As palavras querem me ser. Dou-lhes à boca o áspero. Tiro-lhes o verniz e os vôos metafísicos. As palavras compridas se devem cortar como nós de lacraia. O verso balança melhor com palavras curtas. As coisas, como estão no mundo, de tanto vê-las nos dão tédio. Temos que arrumar novos comportamentos para as coisas. E a visão nos socorre desse mesmal. Boto a manhã de pernas abertas para o sol. Me horizonte para os pássaros. Uma ave me sonha. O dia amanheceu aberto em mim. Inspiração eu só conheço de nome. O que eu tenho é excitação pela palavra. Se uma palavra me excita eu busco nos dicionários a existência ancestral dela. Nessa busca descubro motivos para o poema. Escrever em absurdez faz causa para poesia. Eu falo e escrevo absurdez. Me sinto emancipado. Há pessoas que se compõem de atos, ruídos, retratos. Outras de palavras. Poetas e tontos se compõem com palavras. O rio ficou de pé e me olha pelos vidros. Alcanço com as mãos o cheiro dos telhados. Escrever nem uma coisa nem outra - a fim de dizer todas, ou, pelo menos, nenhuma. Assim, faz bem desexplicar - tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes. No que o homem se torne coisa, corrompe-se nele os veios comuns do entendimento. Um subtexto se aloja. Instala-se uma agramaticalidade quase insana, que empoema o sentido das palavras. Aflora uma linguagem de defloramentos, um inauguração de falas. Coisa tão velha como andar a pé. Esses vareios do dizer. Eu sou o medo da lucidez. Choveu na palavra onde eu estava. Eu via a natureza como quem a veste. Poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina. No osso da fala dos loucos têm lírios. Quando eu era criança queria crescer pra passarinho... avô estava com um livro debaixo dos olhos. Vô! o livro está de cabeça pra baixo. - Estou deslendo, ele respondeu. Escutei um perfume de sol nas águas. As árvores me começam. Uma violeta me pensou.

Me encostei no azul de sua tarde. Pensar que a gente cessa é íngreme. De noite o silêncio estica os lírios. Eu queria avançar para o começo. Chegar ao criancimento das palavras. Pertencem de fazer imagens. Opero por semelhanças. Não tenho habilidade pra clarezas. Preciso de obter sabedoria vegetal e quando esteja apropriado para pedra, terei também sabedoria mineral.

Com pedaços de mim eu monto um ser atônito. Tudo que não invento é falso. Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira. Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou.

Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas. Não preciso do fim para chegar. Do lugar onde estou já fui embora. Me procurei a vida inteira e não me achei - pelo que fui salvo.

Aliás, o poeta é o sujeito acostumado a comparecer aos próprios desencontros. As coisas que não levam a nada têm grande importância. Cada coisa ordinária é um elemento de estima.

Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma e que você não pode vender no mercado como, por exemplo, o coração verde dos pássaros, serve para poesia. Mas poesia não deve ser explicada, poesia não é para compreender, poesia é para incorporar.

Eu não quero dar informação, eu quero dar encantamento. ■■■

Nota do Editor: Do texto que a autora (Gyslaine Weltz) escreveu 90% é invenção e só 10% é mentira. Todo o conteúdo dessa Coluna Opinião é 100% verdade de Manoel de Barros...

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.